

# Momento Feminino

Ano V - Nº 96 - Out./Nov. de 1952 - Cr\$ 2.00

ADELAIDE  
CHIOZZO

MAISON  
MARTIN  
MARGIELA

## Assembléia da F. M. E. de São Paulo



Aspecto da grande assembléia realizada na sede da F. M. do Estado de São Paulo.

EM preparação à Assembléia realizada pela Federação de Mulheres do Estado de S. Paulo, para a qual aquela organização convidou Sindicatos, vereadores e todos os núcleos femininos da Capital e do interior, foram realizadas assembléias nos bairros com grande participação de mulheres que, aflitas pela vida que levam, perguntavam chorando: «Como poderemos viver? Já não podemos dar carne, nem leite, nem pão para as crianças e, agora, o arroz já está a Cr\$ 10,00 o quilo. Assim vamos tôdas morrer de fome.» As participantes dessas assembléias contaram suas necessidades que são inúmeras e que bem mostram o abandono em que se encontram por parte dos poderes competentes: falta de creches, assistência médica, água, luz, condução. Muitas até emprêgo não encontram por estarem grávidas ou terem filhos, pois não têm onde deixá-los, aumentando assim as dificuldades em seus lares, pois o que os maridos ganham não dá para nada. Delegadas de Baurú, de Santos, e de diversos bairros da Capital falaram de casos comprovados de miséria. Maridos e filhos doentes do pulmão, mulheres

que enlouquecem de miséria, gente que não tem onde morar, bairros que passam desde há oito meses sem uma gota d'água, crianças que saem da escola porque não têm roupa nem sapatos. Até as festas de comemoração ao IV Centenário da cidade de São Paulo serviram de motivo para lançar ao relento milhares de crianças, pois para a construção da Cidade Náutica, 4.000 famílias de Vila Guilherme serão despejadas. «Que construam a Cidade Náutica, não estamos contra, mas não estamos dispostas a entregar as nossas casas e lutaremos até o fim.»

180 delegadas participaram da assembléia que, apesar da proibição policial, foi realizada com bastante êxito e mostrou a disposição de que se acham possuídas as mulheres paulistas para a conquista de melhores dias.

A sessão de encerramento foi presidida pela Sra. Eunice Cautunda, presidente da FMESP, ficando aprovadas as seguintes resoluções: realização de nova assembléia; organização de Ligas contra a carestia em todos os bairros, convites aos sindicatos, associações populares e personalidades.

## Exigindo óleo mais barato

EM Batatais, além da subida dos preços de gêneros alimentícios, como aliás em todo o país, o óleo subiu de Cr\$ 8,50 para ... Cr\$ 18,00 e 20,00, depois da liberação. As mulheres não se conformaram com essa alta escandalosa e colheram 600 assinaturas, num abaixo-assinado ao prefeito exigindo providências.

É bom contar como se portaram as mulheres de Batatais na Câmara dos Vereadores, quando da entrega do memorial, não deixando sem resposta a sugestão do vereador Jaime Sierra, do PSP, para que plantassem hortas. Muito bem, responderam, "e onde está o óleo para temperar a verdura?" Preocupado com a presença insistente das donas de casa, o vereador avisou que não haveria sessão. Mas a comissão não se retirou e conversou longamente com o presidente da Câmara, que confessou ser uma vergonha a falta de óleo.

O prefeito, Dr. Alberto Gaspar Gomes, declarou que ia mandar cópias do memorial ao presidente da República e a deputados. No entanto, providências dessa espécie não solucionarão a aflitiva situação das donas de casa de Batatais. Por isso elas próprias continuarão, organizadas, uma luta sem tréguas contra a carestia, para alcançar a solução não só do problema do óleo, mas de todos os problemas dos quais dependam a vida e a felicidade de seus filhos.

## Na Associação Feminina de Sorocaba

As mulheres de Sorocaba participaram ativamente da preparação da assembléia contra a carestia, fazendo visitas em diversos bairros para distribuição de questionários e programas, realizando, também, com a presença de grande número de pessoas, duas assembléias em Vila Fiori, uma delas no «Centro Espirita Progresso», por ocasião da qual foi organizada uma comissão composta de 15 mulheres, para empreendimento de uma grande campanha contra a carestia.

Realizando «enquetes», as sócias da Associação Feminina de Sorocaba constataram a situação difícil em que se encontram as famílias daquela cidade paulista. Por falta de energia os operários da Fábrica Votorantin trabalham, apenas, 3 dias por semana. Que comerão

os filhos desses operários nos dias em que não há trabalho? Não existe nem luz nem água na Vila Votorantin. As donas de casa enfrentam uma fila enorme para conseguir água numa única bica. E a mesma carência das coisas mais elementares à vida humana foi verificada na Vila Fiori, por exemplo. As donas de casa declararam que não compram pão, leite, carne e verduras. As crianças, depois do desmame, passam a tomar água doce engrossada com farinha de mandioca.

A campanha contra a carestia em Sorocaba prosseguirá sob a direção da comissão já organizada e será um fator de êxito na luta em que se empenha nesse sentido a Federação de Mulheres do Estado de São Paulo.

## ESPIRITO SANTO

A 21 de setembro próximo findo, sob a presidência de honra de D. Alice Tibiriçá, a Federação de Mulheres do Espírito Santo realizou sua III Convenção Feminina, discutindo os seguintes pontos: 1º — Estudo dos meios de combate à carestia; 2º — Como defender a Paz; 3º — Pelos direitos da mulher e em defesa da infância.

Precedida de uma grande distribuição de «enquetes» sobre as condições de vida das famílias capixabas, de volantes, de visitas domiciliares, a Convenção foi unânime em condenar a guerra, em frisar a necessidade de organização das mulheres em defesa da vida e da saúde de seus filhos e contra a carestia da vida.

Por ocasião dos debates, entre os problemas discutidos, a esposa de um fogueista da Companhia Vale do Rio Doce falou de sua vida, que é bem uma amostra dos sofrimentos das famílias brasileiras: seu marido aposentado recebe uma pensão de Cr\$ 265,00, que não chega nem para passar fome. Foi obrigada a tirar seu filho de uma escola pública porque não tinha sapatos, e é proibido frequentar a escola de pés descalços.

A III Convenção Feminina do Espírito Santo, que foi presidida pela Sra. Iraci Almeida, representante da Federação de Mulheres do Brasil, resolveu planificar seus trabalhos no sentido de:

- organizar as mulheres contra a carestia e pelas necessidades de seus bairros;
- participar ativamente dos trabalhos preparatórios para o Congresso dos Povos;
- intensificar os protestos contra o acôrdo militar entre o Brasil e os Estados Unidos;
- coletar 3.000 assinaturas pela Paz até o dia 10 de dezembro;
- enviar uma mensagem de solidariedade a Marinetti e Jean Sarkis, e
- organizar um Departamento de Defesa da Infância.



Realizou-se em setembro, na capital de São Paulo, o Congresso Regional de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. Dêle participaram delegações de inúmeras organizações, inclusive da Associação Feminina do Distrito Federal. Vemos no cliché a delegação feminina do Distrito Federal, acompanhada da querida partidária da paz Elisa Branco, que se vê ao fundo.

# "As Mulheres vos Julgam, não por Discursos, mas por Atos"

Em nome do Comitê Executivo da Federação Democrática Internacional de Mulheres, Marie Claude Vaillant Couturier, sua secretária geral, enviou às sras. Eleanor Roosevelt, Edith Sampson e Lord-Strauss, uma carta aberta, em resposta àquela que essas senhoras lhe dirigiram em nome de mulheres dos Estados Unidos. Nessa carta, as referidas senhoras contestavam a Carta Aberta às Mulheres Americanas, de maio de 1952 assinada pela FDIM.

Esse novo documento da FDIM, referente à utilização da arma bacteriológica na Coreia, demonstra mais uma vez, com a evidência dos fatos, a falsidade dos desmentidos veiculados pelo governo americano.

Na impossibilidade de transcrever na íntegra a carta da FDIM, devido à sua extensão, publicamos seus trechos mais importantes:

Diz Marie Claude Vaillant Couturier:

"Sua carta repete as negativas com que os jornais, o rádio e o governo dos Estados Unidos pretendem ocultar a verdade. Recentemente, Robert Miller, em editorial da "United Press" admite, ao dirigir-se aos redatores dos jornais de Nevada: "Não dissemos, nem temos dito jamais, a verdade sobre a Coreia".

"O governo dos Estados Unidos nega os fatos, enquanto anuncia a preparação sistemática da fabricação de armas bacteriológicas, enquanto aviadores americanos feitos prisioneiros reconhecem, sob juramento, que lançaram bombas bacteriológicas na Coreia e na China do Norte. Em 19 de maio de 1952, a revista "News Week" dizia:

"O exército não tem a intenção de abandonar as investigações e pede um crédito de 17.197.000 dólares para ampliar o centro de investigações para a guerra bacteriológica de Camp Detrick, Maryland".

Atualmente, os habitantes de Long Island (New York) protestam contra a construção, em seu território, de um laboratório de investigações para a guerra bacteriológica, que custará milhões de dólares, no qual serão fabricados os germes mortais".

Mais adiante, diz a carta da FDIM:

"Nos Estados Unidos e em todo o mundo, milhões de vozes elevaram-se exigindo que o governo dos Estados Unidos ratifique o protocolo de Genebra de 1925. Certas organizações internacionais apoiaram essa petição, como por exemplo a Liga Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha, na reunião celebrada em Toronto neste verão.

"Os Estados Unidos são a única grande potência que, com o Japão, se nega a ratificar esse protocolo, afirmando friamente que a ratificação não é oportuna. E desvia, com propostas inaceitáveis, as acusações concretas que lhes são feitas".

Diz ainda a carta:

"A FDIM conta entre as suas organizações nacionais com a Federação de Mulheres da Coreia, que reúne no norte e no sul do país

mais de dois milhões de filiadas. Os sofrimentos e o heroísmo das mulheres coreanas em defesa da pátria agredida são conhecidos do mundo inteiro. Durante anos, as organizações nacionais da FDIM puderam seguir, passo a passo, os esforços desse povo pela unificação de seu país, pelo direito de dispor de si mesmo, frente à ocupação americana e ao regime corrompido de Sigman Rhee, mantido pelo governo dos Estados Unidos".

"A FDIM exige e continuará exigindo, até que termine esta horrível guerra, a proibição de todas as armas de destruição em massa, a retirada de todas as tropas estrangeiras, a troca de prisioneiros de guerra".

Após referir-se à mensagem dirigida por seu Comitê Executivo a todas as mulheres, conclamando-as a participar do próximo Congresso dos Povos pela Paz, diz a carta:

"Sabemos que contamos com o apoio das mulheres que em todas as partes do mundo amam a paz; e entre elas estão as mulheres dos Estados Unidos da América do Norte. As mães americanas, como todas as mães, não querem que seus filhos morram nos campos de batalha estrangeiros, em vergonhosas guerras de agressão ou que se transformem em bestiais executores de ações infames".

"Sempre que as mulheres americanas tomam conhecimento da verdade sobre o caráter da guerra da Coreia, fazem ouvir sua voz e atuam".

Concluindo, diz a Sra. Vaillant Couturier, dirigindo-se diretamente às sras. Roosevelt, Sampson e Lord-Strauss:

"A vossa voz, entretanto, não se elevou contra esse horror, que é o extermínio sistemático de mulheres e crianças queimadas vivas. Nem a dor da mãe americana, nem o martírio da mãe coreana, provocaram de vossa parte o menor protesto contra o sacrifício dessa juventude imolada pelo governo dos Estados Unidos.

"Guardasteis silêncio quando o governo de vosso país se vangloriou de arrasar, por bombardeios aéreos, setenta e oito cidades coreanas, pobres restos de lares, já transformados em ruínas.

"Pretendeis denunciar a guerra bacteriológica. Na qualidade de representante dos Estados Unidos nas Nações Unidas, não fizestes o menor gesto de reprovação. E tampouco reclamastes a ratificação do Protocolo de Genebra, pelo governo de vosso país.

"Vosso silêncio e vossas negativas sistemáticas de fatos comprovados, demonstram que desejais ocultar a verdade, encobrir a culpa do governo dos Estados Unidos na guerra da Coreia. Essa atitude faz parecer cúmplices desses crimes contra a humanidade, diante das mulheres do mundo inteiro, que vos julgam, não por discursos, mas por atos".

ass. Marie Claude Vaillant Couturier, Secretária geral.



BERTA SCLIAR e seu filhinho.

**B**ERTA SCLIAR, principal figura feminina do filme «VENTO NORTE», inquirida sobre a importância da Assembléia Nacional de Mulheres, respondeu o seguinte: «O problema da artista é o problema de todas as donas de casa: a felicidade do lar, conciliando o triunfo artístico. As mulheres, em geral, como as artistas em particular, poderão num encontro fraternal estudar o melhor caminho para a solução de seus problemas. Os artistas ainda recentemente o fizeram, participando do I Congresso Nacional de Cinema. Agora, as mulheres realizarão a sua assembléia e estou certa de que o farão com êxito. Um cinema nacional melhor compreendido e ajudado permitirá que se leve às telas a realidade brasileira. Como atriz é isso que desejo fazer. Juntamente com as mães que virão à Assembléia falarei sobre melhores condições de vida para nossos filhos. E é muito importante que as mães se encontrem para falarem a respeito do futuro de seus filhos. Eu, por exemplo, quero referir-me aos filhos dos artistas que, pela particularidade da vida de seus pais, tanto precisam de creches, escolas e locais especiais para serem cuidados e educados. Daí a importância da I Assembléia Nacional de Mulheres.

## Falam sobre a Assembléia Nacional de Mulheres...



YVONE JEAN e seu filho

**A** JORNALISTA Ivone Jean prestou-nos a seguinte declaração sobre a Assembléia:

«A I Assembléia Nacional de Mulheres, quer me parecer, surgiu naturalmente de uma necessidade. Desde que as mulheres não se contentam mais em lamentar passivamente as dificuldades de vida e a possível guerra que destruiria seus lares e mataria seus entes queridos, fazendo questão de agir, ao lado dos homens, para conseguirem moradia, alimentação e roupas a preços acessíveis e meios de criar e educar as crianças num clima de segurança, sentem a necessidade de um encontro que permitiria a todas a exposição dos seus problemas comuns. Sabem que só a união faz a força e, afinal de contas, a metade dos cidadãos do Brasil são mulheres! Por isso, o convite para um encontro tão amplo — sem barreiras ideológicas, sociais, religiosas, profissionais ou raciais — acarreta uma grande esperança. Ao meu ver, todas as mulheres conscientes do país não certamente de apoiar a idéia e participar, na medida das suas possibilidades, de uma Assembléia que poderá ter grandes repercussões e, portanto, resultados positivos, quer dizer o encontro de um caminho que leve à solução de alguns dos problemas que nos atingem a todas.»

## Mulheres do Brasil

### MULHERES DO BRASIL!

As dificuldades da vida e os problemas de toda ordem que se agravam diariamente atingem, cada vez mais, todas as famílias, todos os lares e todas as crianças.

As donas de casa são as primeiras a sentir os efeitos da carestia e do desaparecimento dos gêneros de primeira necessidade; a falta de moradia a preços acessíveis; as mães sofrem mais do que ninguém a falta de escolas, creches, jardins de infância, parques infantis, maternidades, hospitais. Sofrem porque vêem morrer mais de metade das crianças brasileiras antes de cinco anos de idade, por falta de boa alimentação ou assistência adequada. Sofrem porque sabem que existem em nossa pátria um milhão duzentos e cinquenta mil crianças abandonadas e cinquenta mil menores delinquentes.

A ameaça de uma terceira guerra mundial representa para as mulheres a certeza do agravamento da situação atual, além da insegurança que destrói a felicidade dos lares.

Todas as mulheres sofrem com a situação atual. E a maioria sente que é imprescindível tomar uma iniciativa e transformar os anseios em ação, para que dessa unidade seus empreendimentos obtenham pleno êxito.

Por isso mesmo, um grupo de senhoras e representantes de entidades tomaram a iniciativa de organizar uma ASSEMBLÉIA NACIONAL DE MULHERES, reunindo o maior número possível de mães e espósas, de representantes da população feminina do país de todos os setores de atividade.

Esta Assembléia, que se realizará de 14 A 18 DE NOVEMBRO NA CAPITAL DA REPÚBLICA, dará a todas nós oportunidade de apresentar os múltiplos problemas, discutir-os fraternalmente, estudar formas de melhorar o nível da vida geral, esboçar um plano de ação, prático e imediato.

### MULHER BRASILEIRA!

Vem a esse encontro de novembro e leva a notícia da Assembléia a todos os lares, às repartições públicas, aos gabinetes de estudos, aos centros de trabalho e de cultura, aos campos, para que juntas, unidas e fortalecidas pelo apoio e a solidariedade de todas, possamos encontrar meios de transpor os obstáculos à felicidade pessoal e humana, um caminho comum de defesa da saúde, da vida e da amizade entre os povos; de efetivar os direitos da mulher e da criança, comprometendo-nos a cooperar intensamente pela felicidade dos lares, o futuro dos nossos filhos e a grandeza do Brasil.

### ASSINATURAS

**DISTRITO FEDERAL:** — D. Nuta Bartlett James — D. Branca Fialho, educadora — Maria Luiza Ouro Preto — Edy Duarte Pereira — Lygia Maria Lessa Bastos, vereadora — Djanira, pintora — Cinira Ramos Buxbaum — Geny Marcondes, radialista — Dora Magarinos Torres — Cristine Rose Marie Joffily — Elisa Branco Batista — Mariana Agostini Alvim, assistente social — Regina Chaboz — Maria José Leivas Otero — Dra. Arcelina Mochel Goto — Heloisa Ramos.

**ESTADO DO RIO:** — Alzira de Melo Rodrigues, professora — Lia Queiroz de Martins, professora — Carmen de Souza Trovão Costa, professora — Maria José de Souza Cid, diretora do Grupo Nilo Peçanha — Joselina da Silva Piret Abal, professora — Maria de Lourdes Viagas, industrial — Hilda E. Campoliorito, pintora — Aracy V. Peçanha, professora

**MINAS GERAIS:** — Célia Brandão Lobato, presidente do Centro das Donas de Casa — Ivana Rabelo Versiani, vice-presidente da Juventude Estudantil Católica — Zuleica Melo, poetisa — Zilah Correia de Araujo, advogada — Mirtes Pereira, advogada.

**BAHIA:** — Dra. Odília Lavigne, médica.

**SÃO PAULO:** — Vanda Andrada e Silva, atriz de teatro — Elisa Wright, professora — Altéia Alimonda, violinista — Helena Silveira, jornalista — Rita Cristina, jornalista — Sra. General Leonidas Cardoso — Ivany Ribeiro, radialista — Diocelia Viana, radialista.

## QUEM PARTICIPARA'?

Dêsse encontro participarão:

- Delegadas de organizações com vida estatutária
- Comissões de mulheres organizadas para tal fim
- Comissões de organizações que defendam e amparem a infância
- Organizações de beneficência
- Personalidades: parlamentares etc.
- Representantes de setores profissionais
- Departamentos femininos dos sindicatos
- Grupos representativos profissionais: de fábricas, laboratórios etc.
- Grupos de mulheres camponesas
- e quaisquer comissões, grupos, departamentos, sociedades e pessoas desejosas de estudar os atuais problemas da mulher e da criança.

# Assembléia Nacional de Mulheres

Um milhão de assinaturas ao Apêlo por um Pacto de Paz levarão as mulheres brasileiras a Viena, a 5 de dezembro, ao Congresso dos Povos pela Paz.



Centenas de delegadas, eleitas em assembléias de bairro, de fábrica, de organização, participarão da Assembléia Nacional de Mulheres, de 14 a 18 de novembro, no Rio de Janeiro.



## A Assembléia e a Carestia

EM carestia podemos dizer que não há nada de novo. Tudo vem subindo sempre, diariamente: o leite, o pão, a carne, o arroz, a banha, enfim, todos os gêneros alimentícios, o aluguel da casa, o colégio das crianças, a roupa, o remédio. Crescem os preços, permanecem os ordenados. Não são apenas os trabalhadores que estão, agora, carregando o fardo pesado da carestia. Já outras classes estão sentindo. E pedem aumento de salários e os preços sobem e o governo não toma medidas. A COFAP está ajudando na elaboração das tabelas de aumento. As donas de casa estão sofrendo, diminuindo os pratos na mesa, olhando os sapatos furados dos filhos, que não pode levar o livro que o professor pediu. Vida dura estamos atravessando. Mas você sabe que os frigoríficos exportam carne, que as terras não são plantadas pelos seus donos, que os apartamentos estão fechados e cobram aluguéis incalculáveis, que os flagelados do nordeste não têm amparo. Sabe de outras coisas, certamente, e virá dizê-las na Assembléia. Quem sabe se não surgirá um meio de combater a carestia, justamente do que você disser, das suas sugestões? Centenas de meios poderão sugerir, no sentido de que a vida dos lares melhore, no sentido de que as crianças se alimentem.

# A Assembléia Nacional de Mulheres será a manifestação da vontade das



## Como preparar a Assembléia?

A COMISSÃO Promotora da Assembléia Nacional de Mulheres organizou, também, nos Estados, comissões locais para orientação e desenvolvimento dos trabalhos preparatórios.

Para executar os múltiplos encargos práticos que surgirão no curso dos trabalhos, deverão ser organizadas, tanto junto à Comissão central como às comissões estaduais, as seguintes sub-comissões: **finanças, propaganda, prendas e estudos dos problemas a serem apresentados.** No sentido de auxiliar às nossas amigas, leitoras e senhoras interessadas na realização da Assembléia, destacamos algumas idéias e sugestões que poderão ser aproveitadas na organização e trabalhos dessas sub-comissões.

**FINANÇAS** — O envio de delegadas e o material de propaganda exigirão uma certa quantia para atender às despesas decorrentes. Para esse fim, a sub-comissão deve organizar um programa de visitas, por ocasião das quais pedirão auxílio financeiro; pequenos «shows», festas, chás, sorteios, livro de ouro, enfim, uma série de iniciativas que permita atender às necessidades.

**PROPAGANDA** — Da propaganda depende o êxito da Assembléia, cujos trabalhos e cuja realização deverão ser levados ao maior número possível de mulheres de todas as classes, de todas as profissões, de todas as opiniões. Divulgar a convocatória através dos jornais e estações de rádio é um dos primeiros passos a ser dado relativamente à propaganda. Depois, a distribuição nas fábricas, nas escolas, nos hospitais, nas repartições públicas, nas empresas de todos os tipos, com explicações, palestras, organização de grupos. Pequenos volantes podem ser distribuídos em quantidade. Visitas a senhoras para solicitar adesões. Convites a mulheres parlamentares, a todas as entidades femininas, a Sindicatos, a departamentos femininos de clubes e de sociedades de qualquer espécie.

**PRENDAS** — Durante a realização da Assembléia funcionará um grande bazar de prendas regionais. Quantas coisas podem ser trazidas para esse bazar! Caixas, cestas, bordados, flores, cerâmica, rendas, bonecas, enfeites diversos etc. As prendas podem ser pedidas ou também especialmente confeccionadas. Que cada participante da assembléia, suas amigas e parentes dêem, peçam ou confeccionem uma porção de prendas. E o bazar mostrará o trabalho e o carinho das mulheres de cada Estado, aproximando-as.

**ESTUDO DE PROBLEMAS** — Os problemas a serem trazidos e discutidos serão a própria vida da Assembléia. Nada do formalismo habitual das teses. Se você tem um determinado problema apresente-o simplesmente. Conte seus sofrimentos, suas preocupações. Fale de suas esperanças de melhorar a situação. Qual a melhor solução? Diga assim: meu problema é este e acho que pode ser solucionado assim. Essa será a sua participação. Estudar um problema é conhecê-lo, senti-lo. E se você sente uma dificuldade qualquer encontrará palavras para transmiti-la. Um grupo pode, por exemplo, estudar vários problemas de sua cidade, ou conjuntamente do local onde trabalha. Não é uma mulher sozinha que carrega sobre os ombros o peso da carestia. Não existe apenas uma mãe preocupada com a felicidade dos filhos. Por isso, estudem os problemas, sugiram uma solução, para con-

## A ASSEMBLÉIA E OS PROBLEMAS DA INFÂNCIA

**F**LES são tão pequeninos e têm uma história tão longa e tão dolorosa. Muitos nem têm história. Não chegam a bater com as mãozinhas, nem a engatinhar pela casa toda, nem a sorrir, nem a chamar mamãe!

Os outros tão magrinhos, doentes, desamparados, não conhecem a alegria de brincar com os companheiros nos recreios da escola. Não sonham com os Sete Anões da Branca de Neve e nem com a menina do Chapéusinho Vermelho. Não há beleza, nem alegria, nem colorido, nem encantamento no barraco sujo e esburacado. E o menino feliz, que visitou o barraco, perguntou admirado: «Mamãe, aqui houve bombardeio?» Realmente, fome e guerra se misturam e matam. Matam sem piedade. Será real toda essa história longa e dolorosa dos pequeninos brasileiros? Os números respondem:

— Metade do obituário geral do Recife é de crianças — cerca de 50.000 por ano, até um ano de idade; há municípios, como o de Muribeca, em Sergipe, onde de 10 crianças nascidas, morrem logo 9; 1.260.000 nascem por ano no Brasil e apenas 736.000 conseguem sobreviver. Mais de 60% das crianças morrem por alimentação insuficiente ou inadequada.

— No Distrito Federal existem 40.000 crianças abandonadas e outras 40.000 não encontram vagas nas escolas.

Elas são tão pequeninos e os números relativos à história de sua vida e sua morte são tão grandes!

Você se preocupa com a sorte das crianças? Você tem um filhinho? Quem sabe se a Assembléia Nacional de Mulheres não será o primeiro passo no caminho da felicidade, da vida e do amparo para as nossas crianças?

\*\*\*

## A ASSEMBLÉIA E A DEFESA DA PAZ

A visão é dantesca. É o rapaz que parte. Fica um pedaço de sorriso triste bailando na imaginação materna — uma despedida que poderá vir, se as mães não afastarem a ameaça. E continua pensando. É a notícia que faz sangrar o coração, transformar a espera em frio desespero, apagar todas as luzes do cenário da vida. Adeus, sorrisos, abraços, beijos, sonhos, netos, futuro! Adeus, felicidade! Adeus, alegria! Um rapaz que tombou numa terra longínqua, desconhecida. Por que? E por que a guerra? Morte? Sangue? Ódio? A guerra roubará seu filho. E seu filho, por que roubará a vida de outros rapazes? Outras mães que você conhece e que você não conhece andam chorando as mesmas lágrimas. A sua casa, a sua cidade, a casa e as cidades daquelas outras mães não terão flores nas janelas. Mas você quer conservar seu filho. Quer que outras mães conservem seus filhos. Não deseja que aumente o tormento de outras mulheres que tanto já têm sofrido! Você quer defender a vida, a humanidade inteira. Que faremos? Que medidas tomaremos? São os nossos filhos! É a nossa vida! Vamos defendê-los, discutindo os meios de fazê-lo, na Assembléia Nacional de Mulheres.

\*\*\*

## A ASSEMBLÉIA E OS DIREITOS DA MULHER

São tão poucos os direitos da mulher no Brasil que, muitas vezes, nem os conhecemos muito bem.

As mães perdem o direito de administrar os bens dos filhos, quando se casam pela segunda vez. As mulheres não podem viajar, trabalhar, comprar ou vender sem autorização dos maridos. Mulher ou escrava?

De outros atentados mais desumanos são vítimas as mulheres: muitas empresas as despedem quando as sabem casadas ou grávidas; muitos patrões negam a licença para o parto, demitindo antes; durante a gravidez, mesmo nos últimos meses, executam os mesmos trabalhos.

Quantos direitos pode conquistar a mulher!

Quem sabe lhe interessa o problema do divórcio? Ou você acha que o casamento deve ser indissolúvel?

A Assembléia será uma tribuna para a troca simples, sincera e livre de opiniões.

versar a respeito com dezenas de outras mulheres na Assembléia Nacional de Mulheres. A sub-comissão do estudo de problemas deve ter a preocupação de procurar nos corações e na vida de todas as mulheres a razão de suas preocupações: casa, comida, amparo para os filhos, terra para plantar, receio pela sorte do filho que está em idade militar, a salvaguarda da Paz mundial.

das mulheres brasileiras de Paz para seus lares e felicidade para seus filhos.

# O ÚLTIMO DIA DE MATVEI KUSMIN

Conto de BORIS POLEVÓI

**M**ATVEI Kuzmin era tido, entre a gente de sua aldeia, como uma pessoa de temperamento arisco.

Morava longe da aldeia, num pequeno casebre todo em ruínas que se erguia solitário na orla do bosque. Kuzmin raramente aparecia, era taciturno e pouco comunicativo; gostava de percorrer os matos e as charnecas com seu cão, e sua espingarda antediluviana às costas. E na primavera, quando os brotos e rebentos entumesciam nas árvores e na floresta, por cima da neve azulada e desfeita, os galos selvagens cantavam nas manchas de terra degelada, ele trançava a porta de sua cabana e, acompanhado de seu neto Vassia, um órfão que criava, partia para os lados do longínquo lago da floresta e por lá desaparecia semanas inteiras.

Não se podia dizer que os kolkhozianos não o estimassem, mas a verdade é que estranhavam sua conduta: O que poderia remoer em sua cabeça aquêlê homem que fugia do mundo, estava sempre silencioso e vagava pelos matos, não se sabe muito bem por onde? Além disso, desde muito tempo as caçadas não eram bem vistas na aldeia. Mas Kuzmin desempenhava escrupulosamente suas obrigações de guarda do kolkhoz e, apesar de já haver ultrapassado oitenta anos, não se poderia encontrar na região um homem que, de dia ou de noite, ousasse se apropriar de algum bem confiado à guarda do velho Matvei e de seu cão feroz, de pêlo ericado.

Quando a guerra atingiu os lagos da região de Velike Luki e um batalhão de esquiadores de uma divisão alpina alemã aquartelada na região veio instalar-se no kolkhoz "Rassvet", o comandante dêste batalhão, a quem haviam contado que lá vivia um ancião sombrio e taciturno, decidiu que não encontraria pessoa mais indicada para o cargo de "starosta".

Kuzmin foi chamado à "Kommandatur" que se achava instalada na pequena casa nova da direção do kolkhoz. Ofereceram-lhe um copo de aguardente alemã e igualmente o cargo. O velho agradeceu, recusou-se a aceitar a aguardente alegando doença; também recusou as funções de "starosta" por causa da sua idade, sua surdez e seus achaques.

Deixaram-no quieto e restituíram-lhe mesmo, em sinal de boa disposição para com a sua pessoa, a sua velha espingarda que ele havia entregado por ordem do comando militar.

Os alemães lembraram-se de Kuzmin logo no princípio da primavera, quando foi feita uma concentração de forças nessa região dos lagos, visando uma próxima ofensiva. A divisão dos atiradores alpinos havia-se aproximado da primeira linha. O batalhão acantonado no kolkhoz "Rassvet" receberia a missão de se infiltrar nas linhas soviéticas sem ferir combate, através da floresta e dos pântanos, e de atacar pela retaguarda os postos avançados do General Gorbunov. Era preciso um guia que conhecesse perfeitamente as trilhas perdidas da floresta. E quem as poderia conhecer melhor do que o velho Matvei, ele que tantas vezes havia palmilhado tôda a região e conhecia cada paul, cada pequeno pinheiro, cada pedra nos bosques, cada esconderijo secreto de caçadores?

O velho foi levado à presença do comandante do batalhão. Este lhe propôs que ele os conduzisse à noite, às escondidas, até à retaguarda das posições soviéticas. Em caso de recusa ele o mandaria fuzilar; se se desempenhasse a contento da missão, receberia dinheiro, farinha, querosene e, sobretudo, aquilo com que sonham todos os caçadores — uma espingarda de dois canos da famoso modelo alemão "Três anéis".

Matvei Kuzmin, em pé diante do oficial, sem dizer nada, revirava entre os dedos seu gorro de pêlo de carneiro todo arrepiado e rasgado. Com um olhar de conhecedor, examinava a espingarda que atirava ao sol

reflexos foscas. O oficial, impaciente, tamborilava na mesa com seus dedos ossudos. Daquele homem sombrio e incompreensível dependia a sua sorte, a sorte do batalhão, e talvez mesmo, o resultado da operação preparada com tanto cuidado. Percebendo os olhares ávidos que o caçador lançava sobre a espingarda, o oficial procurava adivinhar os pensamentos que cruzavam o cérebro daquele rude homem do mato.

— É uma espingarda famosa! disse afinal Kuzmin, passando sobre o cano a sua mão rugosa. E perguntou, piscando o olho para o oficial: — E ainda dinheiro por cima do negócio, Vossa Nobreza?

— Oh!-oh!-oh! pronunciou todo satisfeito o oficial. — Traduzam-lhe que ele é um homem prático. Está muito certo. Digam-lhe que o comando alemão aprecia as pessoas práticas. Traduzam: o comando alemão não regateia dinheiro a quem o serve com fidelidade.

O oficial triunfara. Tinha encontrado afinal um guia seguro. Não era, porém, o que mais importava. Durante os cinco meses que havia passado nestas florestas sombrias, onde arribara com seu batalhão vindo da França resplandescente e alegre mesmo na sua infelicidade, ele começara a recear, quase que por instinto, êstes soviéticos incompreensíveis para ele, esta natureza rebarbativa e pérfida, essas imensas e solitárias florestas onde de cada montículo, de cada moita, de cada tronco podia subitamente partir um tiro; onde mesmo na zona mais profunda da retaguarda, longe da frente, a gente precisava deitar-se sem se despir e ter debaixo do travesseiro um revólver armado.

Mas o dinheiro, oh, o dinheiro! Parece que mesmo aqui, entre êstes fanáticos singulares que, diante do inimigo que ataca põem fogo em suas próprias casas, — o dinheiro desempenha um grande papel. Como êste velhote o perscrutava com o olhar! Procurava sem dúvida certificar-se de que não o queriam enganar ou deixar de pagar!

— Digam-lhe que seus serviços serão largamente remunerados, ofereçam-lhe mil rublos, acrescentou o oficial com pressa.

O velho ouviu a tradução e fixou no oficial um longo olhar de enfado que vinha de sob o tufo cinza-armarelado de suas sobrancelhas e, após refletir, respondeu:

— Não é muito. Vocês querem me comprar por preço barato.

— Vamos, mil e quinhentos. Que sejam dois mil.

— Metade a ser paga adiantadamente, Vossa Nobreza.

Após haver conferenciado com o intérprete, o oficial contou cuidadosamente as notas. O ancião alisou-as em cima da mesa com sua mão grosseira encordoada e nodosa e com negligência as enfiou na dobra de seu gorro.

— Bem. Vou conduzi-los por trilhas secretas que só eu e os lobos conhecemos. Digam-me exatamente o lugar em que desejam dar.

Disseram-lhe o lugar e quiseram mostrá-lo no mapa.

— Não é necessário. Já estive lá caçando raposas. Chegaremos antes de amanhecer. Espero apenas que Vossa Nobreza não me engane no tocante à espingarda.

Os kolkhozianos viram-no sair da moradia do oficial e tomar o caminho de seu casebre. Como sempre, estava silencioso, fe-

chado, não olhava para ninguém, sorrindo entre dentes. As injúrias murmuradas nas suas costas, ele respondia com um sombrio riso de moça. E quando o antigo contador do kolkhoz o alcançou e ameaçou de pôr fogo à sua casa por manter relações com os alemães, o velho Kuzmin contentou-se em resmungar sem virar a cabeça:

— Vai dizer à tua mãe que te limpe o nariz.

Os kolkhozianos que fiscalizavam de longe a cabana de Matvei, viram, ao cabo de meia hora Vassia, o neto de Kuzmin, descer correndo os degraus da escada com um saco de pano nos ombros e desaparecer na mata, acompanhado do cão Charik. Em seguida o velho tirou para fora seus esquís de caça, compridos e forrados de pele, e se pôs a untá-los com gordura de urso, ao mesmo tempo que olhava para as janelas da casa onde morava o oficial alemão.

Durante êsse tempo os alemães se preparavam para a partida. O oficial, sentado junto à mesa, acabava de escrever, à luz pálida de uma pequena lâmpada de carbureto, uma velha carta a seu irmão Wilhelm, engenheiro numa fábrica de aparelhos de ótica na Saxonia.

"Caro Willi — escrevia ele — faz um mês que comecei esta carta e nunca consigo terminá-la. Não que me falte tempo. Não. Tenho-o até de sobra. Nestes últimos meses, para matar o tempo, repetiamos, presos nestas malditas florestas, sempre as mesmas teorias imbecis que nunca nos servirão, pois êstes russos viraram a guerra de cabeça para baixo e se batem sem nenhuma regra. Hoje nos lançamos em campanha e faço questão de acabar esta carta antes de tentar novamente a sorte.

Felicite-me; parece-me que hoje obtive uma grande vitória e, confesso, uma vitória inesperada. Encontrei finalmente a chave desta enigmática alma russa, que nos dá tanto pano para manga. Nada de novo, meu caro irmão; é a mesma velha e boa chave que nos abriu os corações em tôda a Europa. A grana ordinária, meu caro, sabiamente apresentada e que infelizmente oferecemos muito pouco neste país, por acreditar que êstes russos soviéticos são um povo diferente e que aqui as metralhadoras do senhor H, são mais convincentes. Você se lembra, eu lhe escrevi em janeiro a respeito do patriarca-caçador do lugar, mais parecido ao rei Lear e de cujo nome não consigo lembrar-me (que o diabo carregue êsses nomes russos). Hoje procurei fazer algumas experiências com ele. Imagine, caro Willi, que elas foram brilhantemente bem sucedidas. Tendo hesitado quanto à forma, ele acabou concordando em nos servir hoje de guia... Kurt vem de me anunciar que o batalhão está pronto para pôr-se em marcha. Adeus, meu querido irmão, receba o abraço de sempre: quanto à carta, ficará para ser terminada de outra vez..."

Logo que a noite desceu, o batalhão de atiradores alpinos, com armas e bagagens, com as metralhadoras sobre trenós, saiu da aldeia e, abandonando a estrada, começou a penetrar na mata.

À frente, Matvei Kuzmin deslizava, com grandes passadas de caçador, sobre os esquís por ele mesmo fabricados. A escuridão tornava-se mais densa. O céu peneirava uma neve seca e sussurrante. Logo em seguida

(Continua na pág. 10)

# VIDAS SÊCAS

Romance de GRACILIANO RAMOS

## CAPÍTULO IX

(Continuação)

Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brazas. A multidão apertava-o mais que a roupa, embarçava-o. De pernas, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatú, mas saltava no lombo dum bicho e voava na caatinga. Agora não podia virar-se: mãos e braços roçavam-lhe o corpo. Lembrou-se da surra que levava e da noite passada na cadeia. A sensação que experimentava não diferia muito da que tinha tido ao ser preso. Era como se as mãos e os braços da multidão fôssem agarrá-lo, subjuguá-lo, espremê-lo num canto da parede. Olhou as caras em redor. Evidentemente as criaturas que se juntavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos, temia envolver-se em questões e acabar mal a noite. Soprava e esforçava-se inutilmente por abanar-se com o chapéu. Difícil mover-se, estava amarrado. Lentamente conseguiu abrir caminho no povaréu, esgueirou-se até junto da pia d'água benta, onde se deteve, receioso de perder de vista a mulher e os filhos. Ergueu-se nas pontas dos pés, mas isto lhe arrancou um grito: os calcanhares esfolados começavam a afligi-lo. Distinguiu o cocó de sinha Vitória, que se escondia atrás duma coluna. Provavelmente os meninos estavam com ela. A igreja cada vez mais se enchia. Para avistar a cabeça da mulher, Fabiano precisava esticar-se, voltar o rosto. E o colarinho purava-lhe o pescoço. As botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito. Como tinha religião, entrava na igreja uma vez por ano. E sempre vira, desde que se entendera, roupas de festa assim: calça e palitô engomados, botinas de elástico, chapéu de baeta, colarinho e gravata. Não se arriscaria a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela. Supunha cumprir um dever, tentava apurar-se. Mas a disposição esmorecia: o espinhaço vergava, naturalmente, os braços mexiam-se desengonçados.

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo que fôra enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisso.

— Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins. Mordeu os beiços. Não poderia dizer semelhante coisa. Por falta menor aguentara facão e dormira na cadeia. Ora o soldado amarelo... Sacudiu a cabeça, livrou-se da recordação desagradável e procurou uma cara amiga na multidão. Se encontrasse um conhecido, iria chamá-lo para a calçada, abraçá-lo, sorrir, bater palmas. Depois falaria sobre gado. Estremeceu, tentou ver o cocó de sinha Vitória. Precisava ter cuidado para não se distanciar da mulher e dos filhos. Aproximou-se deles, alcançou-os no momento em que a igreja começava a esvaziar-se.

Saíram aos encontros, desceram os degraus. Empurrado, machucado, Fabiano tornou a pensar no soldado amarelo. No quadro, ao passar pelo jatobá, virou o rosto. Sem motivo nenhum, o desgraçado tinha ido provocá-lo, pisar-lhe o pé. Ele se desviara, com bons modos. Como o outro insistisse, perdera a paciência, tivera um rompante. Conseqüência: facão no lombo e uma noite de cadeia.

Convidou a mulher e os filhos para os cavalinhos, arrumou-os, distraiu-se um pouco vendo-os rodar. Em seguida encaminhou-se às barracas de jôgo. Coçou-se, puxou o lenço, desatou-o, contou o dinheiro, com a tentação de arriscá-lo no bozó. Se fôsse feliz, poderia comprar a cama de couro crú, o sonho de sinha Vitória. Foi beber cachaça numa tolda, voltou, pôs-se a rondar indeciso, pedindo com os olhos a opinião da mulher. Sinha Vitória fez um gesto de reprovação, e Fabiano retirou-se, lembrando-se do jôgo que tivera em casa de seu Inácio, com o soldado amarelo. Fôra roubado, com certeza fôra roubado. Avizinhou-se da tolda e bebeu mais cachaça. Pouco a pouco ficou semvergonha.

— Festa é festa.

Bebeu ainda uma vez e empertigou-se, olhou as pessoas desafiando-as. Estava resolvido a fazer uma asneira. Se topasse o soldado amarelo, esbodegava-se com ele. Andou entre as bar-

racas, emproado, atirando coices no chão, insensível às esfoladuras dos pés. Queria era desgraçar-se, dar um pano de amostrá-lo àquele salado. Não ligava importância à mulher e aos filhos, que o seguiam.

— Apareça um homem! berrou.

No barulho que enchia a praça ninguém notou a provocação. E Fabiano foi esconder-se por detrás das barracas, para lá dos tabuleiros de doces. Estava disposto a esbagaçar-se, mas havia nele um resto de prudência. Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. Impelido por forças opostas, expunha-se e acautelava-se. Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente, viesse plantar-lhe no pé a réua. O soldado amarelo, falto de substância, ganhava fumaça na companhia dos parceiros. Era bom evitá-lo. Mas a lembrança d'ele tornava-se às vezes horrível. E Fabiano estava tirando uma desforra. Estimulado pela cachaça, fortalecia-se:

— Cadê o valente? Quem é que tem coragem de dizer que eu sou feio? Apareça um homem.

Lançava o desafio numa fala atrapalhada, com o vago receio de ser ouvido. Ninguém apareceu. E Fabiano roncou alto, gritou que eram todos uns frouxos, uns capados, sim senhor. Depois de muitos berros, supôs que havia ali perto homens escondidos, com medo d'ele. Insultou-os:



— Cambada de...

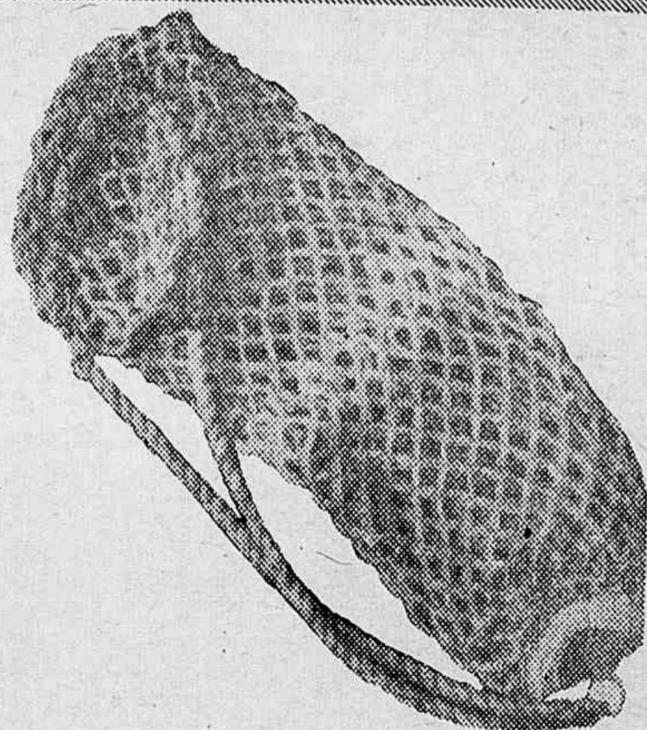
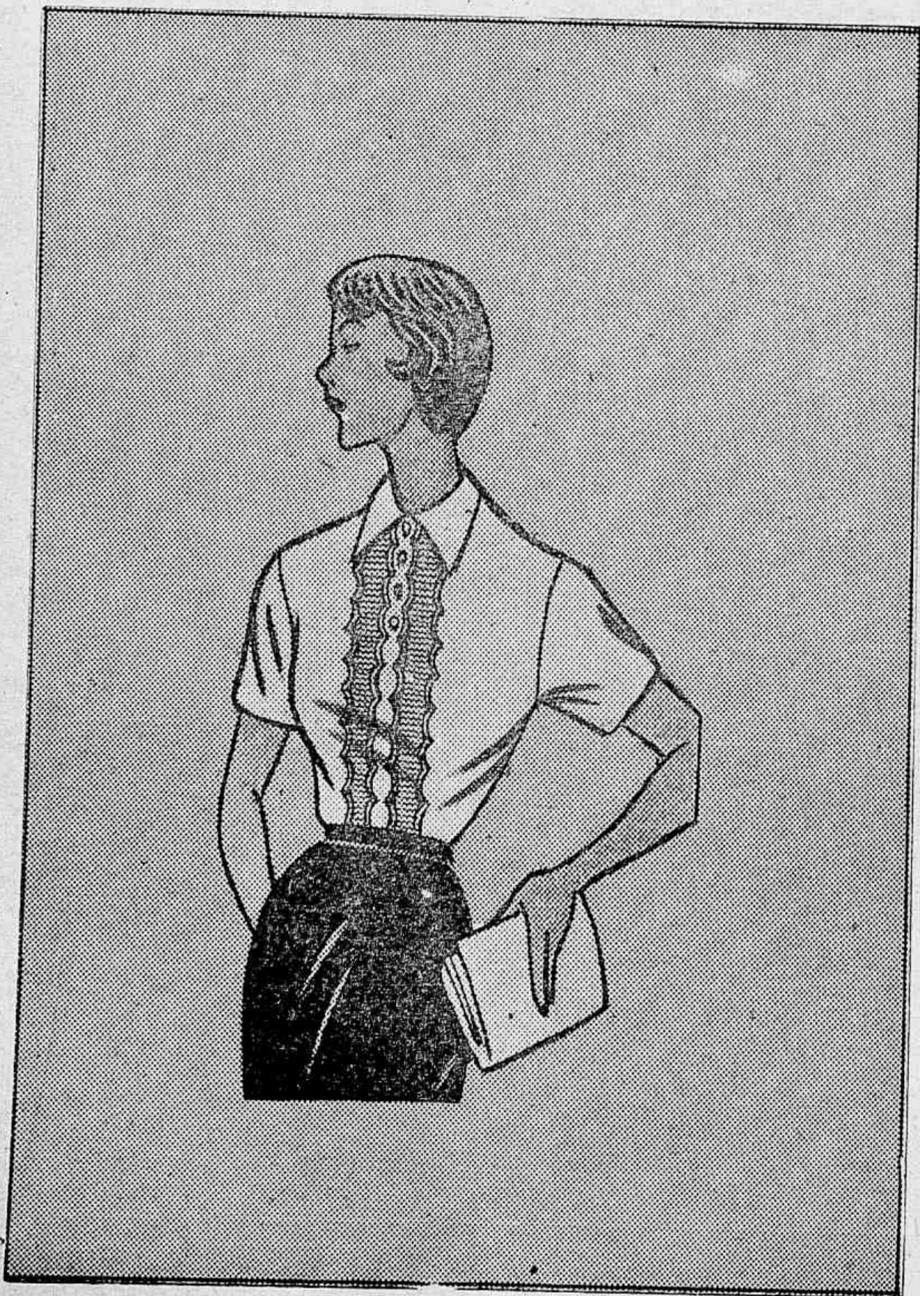
Parou agoniado, suando frio, a boca cheia d'água, sem atinar com a palavra. Cambada de que? Tinha o nome debaixo da língua. E a língua engrossava, perra, Fabiano cuspiu, fixava na mulher e nos filhos uns olhos vidrados. Recuou alguns passos, entrou a engulhar. Em seguida aproximou-se novamente das luzes, capengando, foi sentar-se na calçada duma loja. Estava desanimado, bambo; o entusiasmo arrefecera. Cambada de que? Repetia a pergunta sem saber o que procurava. Olhou de perto a cara da mulher, não conseguiu distinguir-lhe os traços. Sinha Vitória perceberia a atrapalhada dele? Havia ali outros matutos conversando, e Fabiano enjoou-os. Se não estivesse tão ansioso, arrotando, suando, brigaria com eles. A interrogação que lhe aperreava o espírito confuso juntou-se a idéia de que aquelas pessoas não tinham o direito de sentar-se na calçada. Queria que o deixassem com a mulher, os filhos e a cachorrinha. Cambada de que? Soltou um grito áspero, bateu palmas:

— Cambada de cachorros.

Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se. Cambada de cachorros. Evidentemente os matutos como ele não passavam de cachorros. Procurou com as mãos a mulher e os filhos, certificou-se de que eles estavam acomodados. Uma contração violenta no pescoço entortou-lhe o rosto, a boca encheu-se novamente de saliva. Pôs-se a cuspir. Serenou, respirou com força, passou os dedos por um fio de baba que lhe pendia do beiço. Estava era tonto, com uma zoada infeliz nos ouvidos. Ia jurar que mostrara valentia e correria perigo. Achava ao mesmo tempo que havia cometido uma falha. Agora estava pesado e com sono. Enquanto andara fazendo espalhafato, a cabeça cheia de aguardente, desprezara as esfoladuras dos pés. Mas esfriava, e as botinas de vaqueta maguavam-no em demasia. Arrancou-as, tirou as meias, libertou-se do colarinho, da gravata e do palitô, enrolou tudo, fez um travesseiro, estirou-se no cimento, puxou para os olhos o chapéu de baeta. E adormeceu, com o estômago embrulhado.

Sinha Vitória achava-se em dificuldade: torcia-se para satisfazer uma precisão e não sabia como se desembaraçar. Podia

(Continua na pág. 10)



### SACO PARA COMPRAS

## Se Por Acaso...

**MATERIAL** — 180 grs. de fio de algodão amarelo; 10 grs. de fio de algodão branco; 12 anéis de cobre amarelo; 1,30 cm. de cordão; 1 agulha de crochê adequada.

**EXECUÇÃO** — Comece o saco com o fio amarelo. Faça 5 trancinhas e depois 1 meio pt. na 1.<sup>a</sup> trancinha, trabalhe em volta em meios pt., aumentando os pt. necessários para que o trabalho não embolse até que o mesmo tenha 10 cms. de diâmetro (mais ou menos 60 pt.). Em seguida faça: \* 5 trancinhas, salte 2 meios pt. e faça 1 meio pt. no meio pt. seguinte (arco). \* Em toda a volta ficam 20 arcos. 2.<sup>a</sup> car.: \* 7 trancinhas, 1 meio pt. no pt. central do arco. \* Faça 9 carr. iguais à 2.<sup>a</sup> carr., depois tome o fio branco e faça 3 carr. iguais à 2.<sup>a</sup> carr., depois faça mais 9 carr. iguais à 2.<sup>a</sup> carr.; porém com o fio amarelo. Faça mais 2 carr. com o fio branco e 2 carr. com o fio amarelo. Para terminar, faça 1 carr. de meios pt. Prenda os anéis de cobre nos arcos de crochê, deixando 1 arco de intervalo entre si (11 anéis). Por dentro dos anéis passe 1 cordão, fazendo-o passar também por dentro do anel do fundo do saco. (Veja a gravura).

A primavera é a estação dos modelos encantadores. Surgem os lindos tecidos de algodão: o xadrez, o listado, o «pois», as saías e blusas, ideais para o trabalho.

Apresentamos às nossas leitoras alguns modelos, de execução fácil e que certamente agradarão por sua elegância.

1 — Em tecido listado, sem mangas, com dois bonitos bolsos na saía ampla e imitação de bolsos iguais, sob o busto. Botõesinhos da mesma fazenda, que enfeitam a saía.

2 — Xadrez em duas cores. Saía godê bem rodada, cintura baixa. Um lindo decote e ombros em fustão branco, com enfeites de viés da fazenda xadrez. Golinha alta, em fustão.

3 — Bonito modelo para tecido leve: organdi, cassa ou mesmo opala fina. Toda a frente num tom mais claro que o das costas. Cinto de couro e botões escuros.

4 — Blusinha em fustão branco ou seda, abotoada com pequenos botões de vidro. Os ombros e as costas em preguinhas ou nervuras e um laço no pescoço.

5 — Você pode fazer esta blusa em cambraia enfeitada com fustão branco. Rolotê do mesmo fustão contornando os recortes. Quatro botõesinhos e gola enviezada.



# O ÚLTIMO DIA DE MATVEI KUSMIN

(Continuação da pág. 6)

o nevoeiro ficou tão espesso que os esquiadores mal avistavam as costas do companheiro da frente. O velho Kuzmin guiava os alemães através dos campos.

Durante toda a noite o destacamento prosseguiu sua marcha por caminhos bloqueados de gelo, por sobre camadas de neve, ainda não trilhadas; caminhou pelo fundo dos barrancos, por sobre o leito gelado dos riachos da floresta e pelos bosques a dentro. O oficial que seguia a marcha pela bússola, parava frequentemente Matvei para lhe perguntar por que razão o caminho dava tantas voltas e se chegariam logo. Matvei respondia invariavelmente:

— Não existem estradas na floresta... Espere, Vossa Nobreza; pela manhã teremos chegado — e em seguida lembrava-lhe a promessa da espingarda.

Perdendo pouco a pouco as forças sob o peso das armas e das munições, os soldados alemães arrastavam-se pela imensa floresta secular. A escuridão fazia com que fôsem de encontro às árvores, obrigava-os a se agarrarem às moitas, a tropeçar nos esquis dos vizinhos. Caiam, levantavam-se e tornavam a cair. Tinham a impressão de que aquela floresta invisível que, calma e terrível, sussurrava sob as trevas da noite, atirava propositadamente sob seus pés montes de neve, prendia suas vestes aos espinhos e levantava árvores no seu caminho. Os gritos dos cabos eram incapazes de reunir a coluna exausta que se espalhava e abandonava a formação.

Quando a aurora glacial e côr de laranja começou a despontar, a vanguarda do destacamento desembocou afinal no descampado e fez alto diante de um barranco profundo cheio de espinhos.

— Enfim chegamos. Matvei Kuzmin conhece o seu ofício, disse o velho.

Ele tirou o gorro e enxugou a calva coberta de suor.

E enquanto os oficiais extenuados, sentados na própria neve, fumavam nervosamente, segurando com dificuldade seus cigarros nos dedos endurecidos e trêmulos; enquanto os cabos procuravam reunir na clareira, com gritos guturais os soldados retardatários com suas blusas de camuflagem sujas e rasgadas no caminho, Matvei Kuzmin, de pé sobre uma elevação, sorridente, contemplava o sol côr-de-rosa que se levantava sobre os campos brilhantes de neve. Sem esconder seu sorriso fino, ele olhava de esguelha os alemães.

A manhã estava calma e fria. Com estes secos, a camada de neve gelada cedia

sob os esquis. Grandes piscos, de pescoço vermelho, cantavam no amial enquanto bicavam bolotas pretas dos pinheiros. Bem perto um cão latiu.

— Matvei Kuzmin conhece o seu ofício, repetiu o velho.

Um sorriso de triunfo luziu por entre os pêlos hirsutos de sua barba, espalhou-se em flechinhos de rugas e iluminou sua face sombria.

Subitamente o silêncio foi rompido pelo crepitar sêco de rajadas de metralhadora. Balas assobiaram levantando pequenos jatos de neve na planície gelada. O eco acordou na floresta longos ribombos de trovão.

E a geada começou a cair dos galhos sacudidos pela fuzilaria.

As metralhadoras atiravam de bem perto, quase à queima-roupa. Os esquiadores, sem mesmo terem tido tempo de refletir, atiraram-se sobre a neve, tomados de espanto e terror. As metralhadoras varriam a planície nervosa apertando com seu fogo a coluna pelos dois flancos. Ao tomarem acôrdo da situação, os alemães se precipitaram em direção à floresta, mas lá também as metralhadoras roncavam com violência...

Os soldados, abandonando os esquis, agitavam-se na clareira soltando gritos de pavor e se afundavam na neve sêca. O branco lençol de neve cobria-se de blusas de camuflagem como de nódoas sujas. Recordando a firmeza, o oficial alemão precipitou-se sobre o velho.

Matvei Kuzmin mantinha-se na elevação, a cabeça descoberta. Podia-se ver de longe a sua figura. O vento agitava a sua barba e sacudia os cabelos grisalhos que, como uma coroa, envolviam sua calva. Seus olhos entrecerrados, como que rejuvenecidos, brilhavam de malícia por baixo da brenha das sobrancelhas. Com ar de moça ele contemplava os alemães que, sem mesmo procurarem defender-se, agitavam-se qual um rebanho de carneiros.

O oficial sentiu seus cabelos se arrepiarem. Observou um instante, com uma espécie de terror místico, aquele homem da floresta que, triunfante e calmo, mantinha-se no meio da planície onde a morte circulava. Depois, com um movimento nervoso, sacou a sua pistola e a apontou contra a frente do ancião.

Matvei Kuzmin sorriu-lhe em plena cara, o ar caçoista e intrépido:

— Você queria comprar o velho Matvei?... Você julga as pessoas pela sua medida, fascista!...

O velho tirou de sob a dobra de seu gorro as notas e, atirando-as contra o ofi-

cial, desviou-se com desprezo da pistola apontada para ele. Kuzmin percebeu que os soldados das metralhadoras receavam atingi-lo e por isso não atiravam do lado do montículo onde ele se encontrava. Os alemães também o haviam percebido e procuravam fugir escondendo-se atrás da pequena elevação. Alguns deles, atravessando com esforço os últimos amontoados de neve aproximavam-se já da clareira que os devia salvar.

Matvei Kuzmin sacudiu o seu gorro e gritou a plenos pulmões:

— Eh, camaradas! Não poupem o Matvei. Dêem-lhes o que lhes é devido. Não deixem escapar nenhum destes animais fedidos! Matvei...

Sem acabar a frase, ele soltou um gemido e lentamente caiu atingido por uma bala do oficial alemão. Mas este não pôde escapar. Antes de haver dado dois passos, tombou ceifado por uma rajada de metralhadora.

Ao longe, no barranco, ergueu-se um hurrah que reboou e se foi ampliando. Todos os homens pulavam à sua beira alisada pelos ventos. Ao mesmo tempo que atiravam, corriam pela planície perseguindo os últimos alemães, com leques de balas pelas costas; alcançavam-nos e os jogavam na neve, os desarmavam e retomavam a sua corrida em direção à floresta, nos rastos do inimigo. Ao lado dos atradores corria Vassia Kuzmin, o neto do velho caçador que este havia despachado para trás da linha de frente para avisar os seus da incursão que os alemães preparavam. Junto às pernas dos soldados que atacavam, Charik, furioso, o pêlo eriçado, latindo ferozmente, rolava em disparada afundando na neve. Subitamente ele estacou surpreendido, as orelhas em pé. E um longo latido angustioso atravessou o fragor da batalha que reboava na floresta.

Foi assim de Matvei Kuzmin viveu o último dia da sua longa vida. Matvei Kuzmin — membro do kolkhoz "Rassvet" situado nos arredores de Velikie Luki e hoje famado pelo seu linho.

Foi enterrado na margem alta do Lovai, como um oficial, com todas as honras militares. Foram dadas três salvas sobre a sua tumba fresca, cujo monte de terra gelada escurecia a brancura da planície.

Nessa mesma noite, o chefe do serviço de informações da divisão, examinando os papéis dos inimigos mortos, leu a carta inacabada do oficial alemão que o engenheiro Willi Stein, de Saxe, não devia receber.

## Vidas Sêcas

(Continuação da pág. 7)

esconder-se no fundo do quadro, por detrás das barracas, para lá dos tamboretos das doceiras. Ergueu-se meio decidida, tornou a acocorar-se. Abandonar os meninos (o marido naquele estado?) Apertou-se e observou os cantos com desespero, que a precisão era grande. Escapuliu-se disfarçadamente, chegou à esquina da loja, onde havia um magote de mulheres agachadas. E, olhando as frontarias das casas e as lanternas de papel, molhou o chão e os pés das outras matutas. Arrastou-se para junto da família, tirou do bolso o cachimbo de barro, atochou-o, acendeu-o, largou algumas baforadas longas de satisfação. Livre da necessidade, viu com interesse o formigueiro que circulava na praça, a mesa do leilão, as listas luminosas dos foguetes. Realmente a vida não era má. Pensou com um arrepio na sêca, na viagem medonha que fizera em caminhos abraçados, vendo ossos e garranchos. Afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas. O borborinho da multidão era doce, o realejo fanhoso dos cavaleiros não descansava. Para a vida boa, só faltava a sinha Vitória um cama igual à de seu Tomaz da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia. Ficou ali de côcoras, cachimbando, os olhos e os ouvidos muito abertos para não perder a festa.

Os meninos trocavam impressões cochichando, aflitos com o desaparecimento da cachorra. Puxaram a manga da mãe. Que fim teria levado Baleia? Sinha Vitória levantou o braço num gesto mole e indicou vagamente dois pontos cardeais com o ca-

nudo do cachimbo. Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha? Indiferentes à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jôgo e aos foguetes, só se importavam com as pernas dos transeuntes. Coitadinha, andava por aí perdida, aguentando pontapés.

De repente Baleia apareceu. Trepou-se na calçada, mergulhou entre as saias das mulheres, passou por cima de Fabiano e chegou-se aos amigos, manifestando com a língua e com o rabo um vivo contentamento. O menino mais velho agarrou-a. Estava segura. Tentaram explicar-lhe que tinham tido um susto enorme por causa dela, mas Baleia não ligou importância à explicação. Achava é que perdiam tempo num lugar esquisito, cheio de odores desconhecidos. Quis latir, expressar oposição a tudo aquilo, mas percebeu que não convenceria ninguém e encolheu-se, baixou a cauda, resignou-se ao capricho dos seus donos.

A opinião dos meninos assemelhava-se à dela. Agora olhavam as lojas, as toldas, a mesa do leilão. E conferenciavam pesmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. Comunicaram baixinho um ao outro as surpresas que os enchiam. Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-se timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? O menino mais velho hesitou, espiou as lojas, as toldas iluminadas, as moças bem vestidas. Encolheu os ombros. Talvez aquilo tivesse sido feito por gente. Nova dificuldade chegou-lhe ao espírito, soprou-a no ouvido do irmão. Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O

(Conclui na pág. 11)

MOMENTO FEMININO

# Alguns Conselhos

**S**ABEMOS que o ácido das frutas deixa uma mancha na roupa, difícil de desaparecer com a lavagem ordinária. No entanto, conseguimos eliminá-la passando um algodão embebido em água oxigenada, várias vezes sobre ela. Enxagua-se depois a peça de roupa em água limpa.

O seu costume de lã e o de seu marido estão com um brilho anti-estético, amiga! Coloque a peça do vestuário em cima da mesa, e com uma escova de roupa ligeiramente umedecida em água quente com um pouco de amoníaco (com vinagre de preferência para as fazendas negras), escove o costume no sentido do tecido.

Coloque depois um pano sobre a roupa e passe o ferro suavemente. O calor, ao evaporar o vinagre ou o amoníaco, limpa a fazenda dando-lhe ao mesmo tempo um bom aspecto.

Os legumes queimaram, quase na hora de servir o jantar!... Não é nada... Coloque a panela num alguidar com água fria e deixe ficar aí por alguns minutos. Depois vire o conteúdo da panela num prato sem raspar o fundo.

Quando deixar cair gordura no assoalho, despeje imediatamente água fria em cima. Isso evita que a madeira absorva a gordura.

## DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS DR. FRANCISCO DE SA' PIRES

Psicoterapia e Análise

Professor de Clínica Psiquiátrica

Rua Santa Luzia, 732, s. 718 - 7º and. - Diariamente

## NOSSO PRESENTE

Por um lapso de nossa Redação, deixamos de dar esta notícia em nosso último número 95, relativo aos meses de agosto-setembro, o que fazemos hoje, embora já um pouco tarde, para o esclarecimento e conhecimento de todos os nossos representantes.

Foram os seguintes os números sorteados no concurso de «Presente de Aniversário»:

- |           |            |   |
|-----------|------------|---|
| 1º Prêmio | — N° 3.529 | — Vendido em Batatais — Est. São Paulo.   |
| 2º "      | — N° 1.872 | — Vendido em São Luiz — Est. do Maranhão. |
| 3º "      | — N° 1.630 | — Bilhete não vendido.                    |
| 4º "      | — N° 8.940 | — Bilhete não vendido.                    |
| 5º "      | — N° 6.145 | — Vendido em Salvador — Est. da Bahia.    |

## VIDAS SÊCAS

(Conclusão da pág. 10)

menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram-se a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Cheios de admiração e de medo, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem.

Baleia, cochilava, de quando em quando balançava a cabeça e franzia o focinho. A cidade se enchera de suores que a desconcertavam.

Sinha Vitória enxergava, através das barracas, a cama de seu Tomaz da bolandeira, uma cama de verdade.

Fabiano roncava de papo para cima, as abas do chapéu cobrindo-lhe os olhos, o quengo sobre as botinas de vaqueta. Sonhava, agoniado, e Baleia percebia nele um cheiro que o tornava irreconhecível. Fabiano se agitava, soprando. Muitos soldados amarelos tinham aparecido, pisavam-lhe os pés com enormes réguas e ameaçavam-no com facões terríveis.

MOMENTO FEMININO

# COZINHA

VIRGINIA

## MESA DE DOCES PARA ANIVERSÁRIO

**A** MESA deve constar de: o bôlo tradicional, um pudim, uma gelatina, 3 pratos de docinhos, 50 de cada qualidade, e de salgadinhos.

**O BÔLO DE ANIVERSÁRIO** — Dou aqui uma sugestão para a dona de casa que não tem forno, não podendo, assim, assar o bôlo. Comprar um pão-de-ló em qualquer padaria, desde que seja frêsko, bem fôfo e de bom tamanho. Conforme a altura do pão-de-ló, cortar horizontalmente pelo meio, ou em duas vezes, transformando assim em bôlo de três camadas. O recheio pode ser de um creme de leite com limão, ou de geléia, de preferência as geléias de damasco ou de morango ou doce de ameixas pretas. Passado o recheio, juntar bem as partes e cobrir o bôlo todo com creme tipo "chantilly". Comprar uma garrafinha de creme de leite frêsko e bater muito bem para endurecer; depois, com uma faca, passar pelo bôlo todo, cobrindo-o completamente. Por cima poderá enfeitar com pingos do próprio recheio e confeitos.

**PUDIM** — O mais comum é o pudim de leite condensado. Bata muito bem 3 claras, depois junte as gemas, uma colher de sopa de açúcar. Despeje uma lata de leite condensado, misture muito bem. Encha a lata do leite condensado com leite fresco, duas colheres de maizena e raspa de limão. Mexa bem; feito isto, despeje numa fôrma untada com açúcar queimado e cozinhe em banho-maria.

**GELATINA DE FRUTAS** — É um prato muito decorativo. Tome dois ou três pacotes de gelatina Royal, sabor morango. Dissolva em três xícaras de água quente (se forem dois pacotes), e se forem três, em quatro xícaras.

Coloque a gelatina numa fôrma e, quando esfriar, corte a primeira camada de frutas; pique maçã e uvas frescas, deixe ficar um pouco e depois despeje nova quantidade de gelatina. Adicione compota de pêsego, outra camada de gelatina, mais frutas picadinhas, até encher a fôrma. Depois ponha para gelar. Nunca despejar as frutas todas de uma só vez para evitar que elas fiquem todas agrupadas no fundo da fôrma. Para facilitar a saída da gelatina da fôrma, na hora de retirá-la, passe em volta um pano molhado em água quente e sacuda a fôrma com cuidado para não partir a gelatina.

## DOCINHOS

**OLHOS DE MARIA** — Quantidade para 50 docinhos. Duas latas de leite condensado, uma xícara de água, duas colheres de sopa de leite de vaca, três colheres de sopa de chocolate em pó. Misturar tudo muito bem, levar ao fogo em uma panela, mexendo sempre até desgrudar no fundo. Depois jogar em uma travessa untada de manteiga, até esfriar. Fazer as bolinhas e passar em chocolate granulado. Há quem goste de usar em vez de chocolate em pó, Toddy ou Nescau.

**PAPOS-DE-ANJO EM CAIXINHAS** — Bata muito bem 8 gemas; depois de batidas, juntar 4 claras em neve, bem duras; bata mais um pouco e leve ao forno em forminhas untadas com manteiga, não as enchendo muito. Faça em separado uma calda rala com meio quilo de açúcar, duas xícaras de água e perfume-a com meio cálice de rum. Quando os papos-de-anjo estiverem assados, retire das forminhas e deite-os nessa calda deixando ferver um pouco, leve depois a escorrer numa peneira, tirando-os da calda com uma espumadeira, com muito cuidado. Deixe escorrer por muito tempo, passando depois em açúcar cristalizado, arrumando em caixinhas.

**MARRONS DE BATATA-DOCE** — Cozinhe um quilo de batata doce branca e, em separado, três ou quatro batatas roxas. Depois de cozidas, descasque-as e passe num espremedor, juntas. Faça uma calda rala com um quilo de açúcar e junte-lhe, fora do fogo, a massa de batata e a de um côco ralado. Misture e leve ao fogo brando mexendo sempre até aparecer o fundo da panela. Retire, junte um pouco de baunilha, mexa bem e deixe esfriar. Faça então os marrons, passando em açúcar cristalizado, e embrulhe em papel prateado.

No próximo número darei as receitas dos salgadinhos.

# Perde o Brasil o seu maior Cantor Popular



Vítima de um cruel acidente de automóvel, perdeu o Brasil aquele que foi durante anos e anos o seu maior cantor popular, o querido «Rei da Voz»: Francisco Alves.

Meio milhão de pessoas, na Capital da República, desfilou em prantos pela câmara ardente, colocada no Salão Nobre da Câmara Municipal. Seu sepultamento, no cemitério de São João Batista, foi um espetáculo emocionante: milhares de lenços brancos, agitando-se no ar, davam o último adeus ao homem que com a beleza de sua voz, com o encanto de sua simplicidade e seu carinho pelo povo e por todos aqueles que estavam em dificuldade, se tornara me-

recedor de tão grande admiração.

E é comovente saber que a última grande criação de Francisco Alves, a marcha infantil BRASIL DE AMANHÃ, traz um canto de esperança para todos os pequeninos de nosso imenso país. Suas palavras:

«A marchar, a brincar e a  
[cantar  
Hoje somos do mundo infantil,  
Amanhã, saberemos também  
[lutar  
Pela paz, pelo bem do Brasil.»

espalharam-se por todos os cantos, chegaram a todos os lares.

«MOMENTO FEMININO» presta aqui uma homenagem de saudade à Francisco Alves, o grande cantor nacional.

**DR. LUIZ WERNECK DE CASTRO**  
Advogado

RUA DO CARMO, 49, 2º ANDAR, SALA 25

Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

EXCETO AOS SÁBADOS

**DR. ARMANDO FERREIRA**

Clínica Médica — Especialidade: tuberculose e doenças pulmonares - Pneumotórax artificial

TRAVESSA MANOEL COELHO, 206 - Tel. 5763  
São Gonçalo

## Carta a Jean Sarquis

Jean,  
seguem junto a estas mal traçadas linhas  
todos os sorrisos dos meus filhos  
que não sei se ainda cabem no envelope  
assim como também não sei  
como podes caber em tão pequeno cárcere.

Prenderam-te, companheira,  
porque amas a vida e a paz  
que moram no riso das crianças  
e defendes o direito de as sementes germinarem  
sob o céu casto e constante  
no chão para sempre libertado  
do peso dos tanques.

Não são cegos os teus algozes.  
Ferem sabendo onde estão magoando.  
Entretanto, suas mãos de cêra se desfazem  
quando tentam estrangular o amor.

A música do vento  
que embala o amor das andorinhas  
no silêncio contubernal dos ninhos  
não os deixa repousar.

E dos beijos da terra e do arado,  
estão nascendo o pão, o vinho e o amor.

Cada colméia que se agita nesta hora  
mais apressa o fim dos teus carrascos...

E' forçoso interromper.  
Jamais poderia terminar  
se te quisesse contar tantas esperanças.  
Recebe os beijos de tôdas as crianças  
que adormeceram tranqüilas nesta noite  
porque tu vives e lutas, minha irmã.

OSVALDO BISPO

## Morre uma grande figura Democrática



UM doloroso acontecimento para as mulheres democráticas de todo o Brasil teve lugar no mês de setembro: faleceu a Sra. Maria Paes de Barros, a querida Presidente de Honra da Federação de Mulheres do Estado de São Paulo, que apesar de seus longos cem anos de vida, conservava a juventude ardente daqueles que desejam um mundo melhor e lutam por êle.

Ardorosa partidária da paz, D. Maria Paes de Barros, durante toda a sua existência, esteve sempre ao lado das campanhas justas, em favor dos oprimidos. Foi uma das diretoras da Maternidade de São Paulo, fundadora do Hospital Samaritano e autora de uma História do Brasil, que lhe grangeou o título de membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

«MOMENTO FEMININO» rende um preito de saudade e homenagem a êsse espírito brilhante de mulher democrata e progressista, que se conservou jovem embora centenária.

MOMENTO FEMININO

# EDMAR MOREL fala sobre a mulher soviética

**E**DMAR Morel, o repórter brasileiro que esteve na Rússia e escreveu "Moscou, ida e volta", lançado por Pongetti, teceu um bino de louvor à mulher soviética quando declarou no seu livro:

— "O estrangeiro, sobretudo o latino e, em particular, o brasileiro, ao primeiro contacto com a mulher russa, nas fábricas ou nas ruas, sente, naturalmente, uma reacção. Somos de um país onde a mulher vive ao sol, nas praias, sempre esbelta e graciosa, passeando pelas avenidas, pouco participando da vida fabril do país, a não ser na indústria têxtil. Em Moscou, só na fábrica de automóveis "Stalin", com várias dezenas de milhares de operários, trabalham cerca de 30.000 mulheres, em todas as seções, inclusive nas caldeiras e forno. Estão vestidas como homens e dirigem todos os tipos de máquinas, desde a locomotiva ao minúsculo aparelho de precisão que examina o velocímetro, por exemplo. Os filhos ficam nas creches, de onde são retirados das 18 às 20 horas, mediante um pagamento que varia conforme o salário dos pais. Disse-me um diretor de fábrica:

— Perdemos 17.000.000 de homens na guerra (um terço da população do Brasil), dos quais 12.000.000 eram homens em plena vitalidade.

## ESTOICISMO E DIGNIDADE

A mulher, na reconstrução da Rússia, está escrevendo uma página épica. Vamos encontrá-la em todos os setores da vida nacional, com estoicismo e dignidade, no fundo das fábricas, das minas, nas Forças Armadas, nas universidades, nas artes, no comércio, na diplomacia, sem esquecer as profissões mais humildes, como a do gari, motorista, padeiro, etc.

Moscou não tem um cabaré, um "night-club". As mulheres que frequentam as cervejarias são contadas pelos dedos das mãos. Não existe prostituição, índice da miséria. Ninguém vê cenas de alcôva nos bosques e nas praças. Em Moscou não existe um "Hyae Park", o refúgio de pares amorosos ingleses, 80% despidos da menor dose de pudor. Na Tchecoslováquia, também, a mulher tem um papel de relêvo na reconstrução do país. Há um respeito recíproco entre os namorados. Os próprios argumentos dos livros e dos filmes são sadios. Disse-me um diretor da "Moscofilmes":

— A moralidade acima de tudo!

O cinema soviético, longe de ser uma escola de licenciosidade, é um instrumento de educação e doutrina, pois a maioria das películas têm como enredo motivos históricos e biográficos de vultos eminentes nas letras, na música, no teatro e na política.

Sou obrigado a recorrer ao diário da Embaixatriz inglesa na Rússia, Lady Marie Noele Kelly, para defender a dignidade da mulher russa, vítima de uma torpe propaganda clerical:

— Trabalham em tudo! Carregam e descarregam vagões, removem a neve das ruas, limpam boeiros e canais, reparam maquinário pesado, plantam batatas, colhem o trigo; são o pino mestre da situação do trabalho livre. Por certo perguntareis: "Que pensam e sentem essas mulheres?" Têm a Rússia na conta de mãe e Stalin é, para elas, mais que um herói: é, para muitas, um deus. Também nutrem os mais afetuosos sentimentos pelos filhos. A maternidade é oficialmente encorajada por abonos familiares, que principiam com o terceiro filho. Além disto, toda mulher na União Soviética sabe que, dando à luz 10 filhos, pode conquistar o título de "Mãe Heróica", com um certifica-



A mulher na União Soviética frequenta o culto religioso de sua preferência. Eis a Presidente do Comité Católico Apostólico Romano conversando com o autor de «MOSCOU, IDA E VOLTA» à porta do templo, em Moscou.

do expedido pelo Presidium do Supremo Soviet. A jovem adquire, por intermédio das professoras, plena consciência do papel que lhe é reservado na União Soviética."

Lady Noele Kelly não falou das dezenas de milhares de mulheres que servem nas Forças Armadas, nos laboratórios, no "Metrô", transportes, escritórios, enfim, em todos os setores da vida nacional. Esta mulher que trabalha e vive para o lar é a grande caluniada, o prato predileto de uma estúpida publicidade que visa atacar um regime, ferindo o que existe de melhor: a dignidade da sua mulher.

O artigo 122, da Constituição Soviética, é a coluna em que assentam os seus direitos:

"Na U.R.S.S. a mulher desfruta de direitos iguais ao homem, em todos os domínios da vida econômica, do Estado, cultural, social e política."

A possibilidade de exercer esses direitos é garantida pela concessão, à mulher, de direitos iguais ao homem em questões de trabalho, salário, repouso, seguros sociais e instrução, pela proteção dos interesses da mãe e do filho pelo Estado, pela concessão de férias às gestantes, com gozo de salário, e por uma vasta rede de maternidades, berçários e jardins de infância."

A mulher russa é, antes de mais nada, uma mãe amorosa.



Graciliano Ramos, ao lado do poeta Surkov e do crítico Gribachov, na União dos Escritores Soviéticos, em Moscou.

A 27 de outubro, completa Graciliano Ramos sessenta anos de existência. O mundo cultural brasileiro, nessa data, não poupou homenagens ao autor de «São Bernardo», ao mestre da arte de escrever, ao patriota e ao partidário da paz

## Sessenta Anos de Vida

que é Graciliano Ramos. Os círculos democráticos e progressistas, seus numerosos leitores, compreendem o significado do aniversário do autor de «Vidas Secas» e testemunham vivamente a estima, a admiração e o carinho que dedicam ao romancista e ao cidadão.

Em horas amargas para o povo brasileiro, Graciliano Ramos soube cumprir o seu dever de patriota e democrata, ocupando a sua posição ao lado de sua pátria e em defesa das idéias da paz, do progresso e da independência nacional. Foi vítima do terror desencadeado em 1936, atirado a um porão de navio, conduzido ao cárcere e levado a uma ilha onde passou meses atroz, sujeito a duras condições, que Graciliano enfrentou, com dignidade e firmeza de um combatente. Essa prisão infame

abalou-lhe a saúde e é certo que o mestre de «Infância» sofre até hoje as conseqüências dessa iniquidade.

Hoje, o país inteiro admira e homenageia o eminente homem de letras, o grande escritor que não se curvou ante o terror, dando um exemplo de probidade cultural, de patriotismo e de bravura a todos os escritores, a todos os que têm responsabilidade pela cultura em nosso país.

Graciliano Ramos viajou há pouco pela Europa, visitando a União Soviética. Cheio das melhores impressões a respeito do socialismo, do povo soviético, do sentimento de paz que anima a URSS, está escrevendo um livro em que fixa suas observações sobre a viagem, contando o que viu e sentiu ao contacto com a vida soviética.

# ATIVIDADES FEMININAS!

**A** Organização Feminina de Uberlândia bem merece um destaque especial nesse registro, pelas várias realizações de suas sócias: pedido ao prefeito para instalação de escolas com a apresentação de livro de matrículas já realizadas — inauguração de uma escola em Vila Saraiva — funcionamento de uma escola na sede da organização, em Vila Martins, com 56 alunos — aulas noturnas de corte e costura — assistência social: médico, atestados, lista de donativos, procura de casas para famílias despejadas — distribuição de penas e cadernos às crianças, além da realização de várias festas já noticiadas por este jornal. Foram comemorados o Dia Internacional da Mulher e a Jornada Internacional da Criança. Em conjunto com o Clube Esportivo Sal Tropeiro realizou 15 dias de festa popular, cuja renda se destinou, em parte, à aquisição de carteiras para a escola.

Noticiando essas atividades, prestamos uma homenagem às mulheres de Uberlândia que, apesar das perseguições e violências do governo mineiro, trabalham corajosa e continuamente pelo bem-estar do povo, pela organização das mulheres, pela felicidade das crianças.

Mulheres de Belo Horizonte endereçaram ao presidente da República um protesto contra a prisão de Marinetti e Jean, reafirmando as suas necessidades, que não serão atendidas com uma guerra, porém agravadas. «Não queremos guerra, porque muito amamos nossos filhos e nossos lares.»

Vitória Eugênia Ribeiro endereçou uma carta às leitoras de «MOMENTO FEMININO», que vale a pena ser divulgada pela sua sinceridade, pelo carinho que demonstra para com as crianças, pela sua fé no futuro, essa fé que nos ajudará a tô-

das nas horas difíceis: «Sou professora de alfabetização da Organização Feminina de Uberlândia. Tenho 50 alunos e a sala de aula não tem conforto para esse número; além de pequena não tem carteiras, as crianças estudam sentadas em cadeiras e muitas vezes de pé. Assim acontece porque a escola é sustentada pelas sócias que contribuem com Cr\$ 5,00 mensais, e devido ao elevado custo de vida, muitas vezes atrasam as mensalidades. Esta pequena importância não dá para o aluguel da sede. Ainda temos, de dar cadernos para as crianças que não os podem comprar. Por aí vemos, queridas leitoras, a necessidade que temos de unidas lutar em defesa das crianças, que são os homens de amanhã. Protegendo as crianças, estamos assegurando o futuro de nossa Pátria.»

## PALESTRA NA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DE PERNAMBUCO

O vereador Wilson Barros Leal pronunciando na sede daquela organização uma palestra sobre a desproporção entre os salários e o alto custo da vida, solicitou à Associação o apoio às operárias têxteis de Pernambuco, que estão empenhadas numa grande luta por aumento de salários. Como resultado da palestra foi planejado: a realização de mesas redondas con-

tra o alto custo de vida e solidariedade às operárias têxteis em suas lutas.

## UMA GRANDE CAMPANHA DE SÓCIAS DA F. M. DO R. G. DO SUL — OUTRAS ATIVIDADES DAQUELE ESTADO

Um grande plano para conseguir mais 1.000 sócias foi lançado pela Federação das Mulheres do Rio Grande do Sul que, entre outras atividades, está empenhada numa ampla campanha contra a alta dos gêneros de primeira necessidade, principalmente a carne.

A União Feminina de Butiá (Minas de Butiá) está em franca atividade, contando com mais de 50 sócias e já tem sede.

Foi organizado em Higienópolis, pela Associação Feminina de P. da Areia um núcleo que já conta com mais de 100 associadas, já conseguiram da Câmara Municipal o conserto de suas casas.

Em Pôrto Alegre foram fundados 3 clubes infantis.

Foi realizada, também, naquela cidade uma assembléia através da qual as donas de casa conseguiram que os retalhistas prometessem não aceitar o aumento da carne e que fechariam os açougues se isso acontecesse.

## UM CLUBE INFANTIL



Aí estão os garotos do Clube Fraternidade Infantil!

**E'** a própria secretária do Clube Fraternidade Infantil que está funcionando em Belo Horizonte (Minas Gerais), quem nos escreve comunicando a realização magnífica de um grupo de crianças: Euler Alves dos Santos, Laci Dias de Oliveira, Talma Arvelos Dias, Maria de Lourdes dos Santos, Rosa Dias de Oliveira, Montezuma Arvelos Dias, Alexandre Arvelos Dias, Flamarion Arvelos Dias, Vera Lúcia de Oliveira e Walter Alves dos Santos. Talma é a Secretária e nos conta que o Clube tem as seguintes finalidades: trabalhar pela educação das crianças do bairro do Horto e dos outros bairros, no

espírito da paz e da fraternidade, contra os preconceitos de cor; promover festas e brinquedos sadios para as crianças; combater a má literatura infantil e os filmes prejudiciais, promovendo a distribuição de bons livros infantis, com a criação de uma biblioteca e de cursos.

Que todas as crianças de nossa terra sigam o exemplo dêsse punhado de meninos mineiros, que ajudam a seus pais a construir uma felicidade baseada nos mais elevados princípios de humanidade.

Os parabéns de MOMENTO FEMININO para vocês com os votos de muito êxito e de muita alegria.

## ★ SOCIAIS ★

### ANIVERSÁRIOS

17 de junho — Marlene Silveira, filha de D. Maria Perpétua, presidente da União Feminina de Campo do Pio, Ceará.

26 de julho — Senhorita Manoela de Oliveira Mendes, de Recife, Pernambuco, que foi homenageada com um almoço por um grupo de amigos.

28 de julho — Os garotos Quitéria Maria e Rufino Neto, filhos de uma associada da União Feminina de Campo do Pio, Ceará.

3 de agosto — Completou o 5º aniversário a garotinha Valdeci, filhinha de amigos de São Paulo.

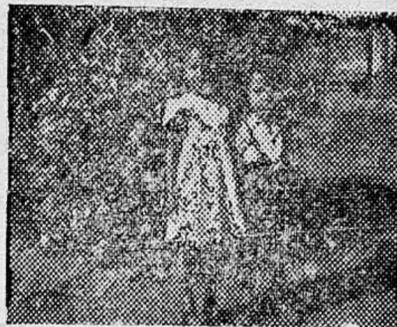
24 de agosto — A menina Célia Lima Campos, filha de América Lima Campos.

24 de setembro — Murilo Lima Campos, filho de América Lima Campos.

Aos aniversariantes os votos de felicidade e os parabéns de «MOMENTO FEMININO».



Auristela, de Sto. Cristo, D. F.



Valmir e Valdeci, de São Paulo

30 de agosto — O garoto Valmir festejou seu 4º aniversário. É irmão de Valdeci.

15 de setembro — Auristela, galante menina, filha de uma leitora de Santo Cristo, D. F.

### FALECIMENTO

Temos o pesar de registrar o falecimento de Lins Aurélio Santos, com 7 anos de idade, filho de nossa representante na cidade de Nova Lima, Minas Gerais, Sra. Gerolivia Santos, que em 1948 passou pela grande dor de perder, também, seu marido, o mineiro José dos Santos, assassinado por capangas da Cia. Morro Velho. Enviamos daqui a Gerolivia a nossa sentida solidariedade, e que a luta por melhores dias para todas as crianças possa consolá-la pela morte de seu filhinho.

### MOMENTO FEMININO

# Vida de Momento Feminino

## CORREIO FEMININO

A carta que hoje apresentamos, pelo conteúdo de grande interesse para MOMENTO FEMININO, dispensa os dois dedos de prosa que já constituem velho costume de nossa seção. Passamos a palavra à nossa companheira do Ceará.

**INTERCÂMBIO** — De Fortaleza, Zilma Silva informa que houve debates em torno das possibilidades do Ceará alargar o campo de ação de MOMENTO FEMININO. Entre outras resoluções, ficou assentado que a correspondência assídua com as cidades do interior do Estado seria um dos meios para aumentar a penetração da revista e, também, uma garantia para não recair no atraso dos pagamentos. Como medida inicial, o Ceará elevou corajosamente sua quota para 600 exemplares e vê, em futuro próximo, a satisfação de seus com-

promissos com a gerência da revista. Solicitamos à companheira Zilma Silva que inclua na correspondência às leitoras do interior um pedido de sugestões sobre nossa revista. O desejo de MOMENTO FEMININO de estar à altura das necessidades e exigências da luta por um futuro melhor para a mulher e a criança, dentro dos anseios de todo o povo brasileiro. As críticas e sugestões das leitoras do Ceará serão aguardadas com carinho, como poderosa ajuda ao nosso trabalho.

### ATENÇÃO! BELEM DO PARÁ!

Por falta de pagamento suspendemos a remessa que fazíamos para Jurandyr Cabral, em Belém — Estado do Pará. A dívida desta representante alcança já a soma de Cr\$ 1.055,40 (um mil cinquenta e cinco cruzeiros e quarenta centavos).

## Liquidaram sua Dívida

ESTAO de parabéns os nossos representantes de Vitória (Espírito Santo), a Distribuidora «Domingos Martins». Estes nossos amigos, ainda há um ano atrás, tinham uma dívida para com MOMENTO FEMININO de mais de mil cruzeiros. No decorrer deste ano, no entanto, enviando-nos quantias parceladas, conseguiram liquidar seu débito atrasado e atualmente devem somente nossos

dois últimos números, 94 e 95.

Esperamos que outros representantes, que estão também com seus débitos atrasados, sigam o exemplo daqueles amigos.

### EXPEDIENTE

DIRETORA

ARCELINA MOCHEL

Redação e Administração:  
Rua Evaristo da Veiga, 16  
Sala 808 — Rio de Janeiro

## AOS NOSSOS LEITORES

Leitor amigo:

MOMENTO FEMININO dirige-se a todos os amigos e leitores para explicar-lhes as razões que nos levaram a aumentar o preço de nossa revista para Cr\$ 2,00 o exemplar, a partir deste nº 96.

Sem dúvida, nossos leitores estão sentindo, como a maioria esmagadora do povo brasileiro, o brutal encarecimento do custo de vida, que piora a cada dia, a todos atingindo. Aumenta o preço dos gêneros de primeira necessidade, de todas as mercadorias e, também para nós, aumentou extraordinariamente o preço do papel, o preço da impressão, o preço dos clichês, dos fretes, do material de expedição, etc.

MOMENTO FEMININO, cuja impressão custava em 1947, ano em que surgiu, Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), passou a custar agora, em 1952, Cr\$ 16.800,00 (dezeesseis mil e oitocentos cruzeiros), enquanto seu preço permanecia o mesmo.

Agora, porém, apesar da grande ajuda de todos os seus representantes, que mantêm seus pagamentos em dia, e colaboram em todas as iniciativas financeiras que a revista toma, não nos é mais possível manter o mesmo preço.

Acreditamos que o preço ainda bastante reduzido de Cr\$ 2,00 o exemplar, diante da grande melhora gráfica que a revista está apresentando nos últimos números, não impedirá que nossos amigos e leitores possam ampliar mais e mais a grande rede de leitores de MOMENTO FEMININO, concorrendo assim para a maior difusão da imprensa democrática feminina em todo o país.

Muito obrigado.

### NOVOS REPRESENTANTES

BAHIA — ALAGOINHA — Maura Anathalia Cardoso	com 100	exs.
PARAÍBA — JOÃO PESSOA — Percília de Oliveira Lima	" 40	"
RIO DE JANEIRO — MESQUITA — Tereza Pinto	" 46	"
SÃO PAULO — VALPARAIZO — Aracy O. Falanga	" 5	"

### AUMENTARAM SUAS COTAS

BAHIA — SALVADOR — Carmosinda Costa	mais 100	exs.
CEARÁ — FORTALEZA — Zilma Silva	" 100	"
GOIÁS — PIRES DO RIO — Rita Batista	" 10	"
MINAS GERAIS — UBERLÂNDIA — Noêmia Gouvêa	" 80	"
PARANÁ — CURITIBA — Léa Schmidt	" 10	"
R. G. DO SUL — ERECHIM — Ofélia M. Kern	" 20	"
S. PAULO — BAURU — Hercira G. Machado	" 45	"
S. PAULO — JUNDIAI — Maria de Lourdes Figueiredo	" 5	"
S. PAULO — CAPITAL — Elza Batista	" 800	"

Total do aumento ..... mais 1.361 exs.

### DIMINUIRAM SUAS COTAS

RIO DE JANEIRO — S. GONÇALO — Olga Barbosa	menos 10	exs.
SÃO PAULO — GUARARAPES — Nair Potumate	" 7	"

### SUSPENDERAM SUAS COTAS

RIO DE JANEIRO — MESQUITA — Maria Cotelipe	menos 35	exs.
SÃO PAULO — BIRIGUI — Florinda Rosa	" 30	"
SÃO PAULO — MARTINOPOLIS — Améri- ca Valadão	" 5	"

Total da diminuição ..... menos 87 exs.

## Presente de Aniversário



Flagrante da entrega do prêmio à Srta. Deralda Pereira, cuja fotografia se vê ao lado.

Nossa correspondente de Batatais, Jandira Lima Teixeira, informa:

«Recebi o presente de aniversário em perfeito estado, avisei logo à contemplada Deralda Pereira. Organizamos uma festinha para a entrega do prêmio. Num ambiente de alegria, tiramos várias fotografias, uma das quais se vê no clichê.

A Srta. Cleonice Dame entregou um bouquet de

flores à contemplada e foi ainda oferecido um licôr aos presentes.

Disse a Srta. Cleonice, entre outras coisas: «Pela primeira vez se comemora aqui em Batatais uma festinha em homenagem a MOMENTO FEMININO, o jornal que defende a causa das mulheres, o bem-estar para seus filhos, pelo progresso de nossa pátria e pela paz mundial.»

# I Congresso Nacional de Cinema

**V**ITORIOSO de princípio a fim, o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro realizou a mais importante tarefa que se antepunha aos homens de cinema de nosso país. Inspirando-se nos magníficos exemplos dos pioneiros, que sustentaram durante épocas difíceis, diante de inimigos poderosos e de incompreensões criminosas, a semente da futura indústria, veteranos e novatos, representando todos os setores da cinematografia brasileira, reuniram-se, sem distinção de categorias, numa impressionante demonstração de unidade e que também serviu para provar a sua vontade de luta — e estabeleceram, numa franca e objetiva discussão, as perspectivas futuras da nova indústria que se firma. Vencendo obstáculos de todas as naturezas, desmascarando os verdadeiros inimigos do progresso do cinema brasileiro, mostrou que o cinema brasileiro já é uma realidade — e que nada poderá deter o seu desenvolvimento e sua afirmação no plano econômico como no artístico.

Assim, definindo o filme brasileiro, aquele que deverá ter a proteção das leis nacionais, o Congresso apontou para os legisladores a maneira eficiente de evitar no Brasil o que aconteceu em outros países de indústria cinematográfica mais desenvolvida: a intrusão indesejável e perigosa dos capitais estrangeiros, cujo único fim é a dominação da produção local e, portanto, a sua desnacionalização. Ligando-se estreitamente aos problemas dos profissionais do cinema, o Congresso valorizou também os sindicatos da indústria, o patronal, já tornado de âmbito nacional, e o de trabalhadores, a quem emprestou, com a agitação dos problemas profissionais mais sentidos, a força necessária e decisiva para o seu imediato reconhecimento da parte do Ministério do Trabalho.

Unidade indestrutível, repetimos, foi a característica predominante do I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. Indestrutível, porque foi feita e reforçada em torno do patriotismo, ponto comum que levou todos os homens de cinema do Brasil a somar seus esforços e lançar-se em conjunto na luta pela defesa da cinematografia de nossa terra. Zelosos de seus deveres para com o futuro, esses homens não se deixaram assustar pelos gritos de «nacionalismo extremo!» e «chauvinismo!» com que os inimigos do cinema brasileiro quizeram, à semelhança dos cães que ladram para as caravanas, sustar a sua marcha. Capacitando-se do trabalho que têm à frente, empenharam todas as suas energias na procura de soluções rápidas e eficientes para os maiores problemas de



A mesa que dirigiu as sessões do I Congresso, presidida pelo Sr. Humberto Mauro, quando falava Alex Vianny, defendendo uma de suas teses. Ao lado, a atriz Dinah Mezzomo e o galã Cil Farney.



Ilka Soares e Fada Santoro, duas das mais prestigiosas figuras femininas do cinema brasileiro, assistem a uma sessão plenária.

nossa cinematografia. Araram o terreno. Regaram-no. Lançaram a semente.

O Congresso ouviu e respeitou todas as opiniões que nele foram manifestadas. Sem virar as costas para o inimigo, tratou de forjar as armas com que deverá enfrentá-lo, agora e no futuro.

Punhados de homens decididos, em todos os cantos do Brasil onde se faz cinema, têm agora um programa definido a seguir. Regem-nos os mais patrióticos princípios. E não disseram, como propalaram os inimigos do Congresso, que «o abacaxi é nosso». Sem dúvida, o abacaxi tem sido nosso, com a importação indiscriminada de filmes estrangeiros, sem uma proteção eficiente para a nossa indústria ainda pequena e fraca.

Temos um início de tradição cinematográfica, temos homens e mulheres que querem e podem fazer um bom cinema. E só garantir para eles uma continuidade de trabalho, e uma compensação justa para o desempenho de seus deveres profissionais. Só assim — e com o crescente apoio que o povo brasileiro vem dando a nosso cinema, apoio sentido na própria repercussão do Congresso — é que poderemos aumentar e melhorar a nossa produção cinematográfica, expulsando de nossas telas os maus filmes estrangeiros.

ALEX VIANY e NELSON PEREIRA

